JOÃO CORREIA DAS NEVES

ROMANCE HISTORICO

Occorrido no anno de 1885,
em Botucatú (E. S. Paulo)

I Edição—I Milheiro

Correia das Neves—Editor—Botucatú

OBRAS DO MESMO AUTOR

A sahir:

Paginas Nortistas—contos e folk-lore.
Almas Torturadas—romance.
Brasas Vivas—philosophia intima.
O Homem do Sertão.
Hercules Sertanejo—romance.
Baraúnas—contos.
O Club do Pôr do Sol—theatro—comedia.
Flores de Estio—versos.

Em preparo:

Noites de Pavor—contos de assombrações.
Tarde de Sangue—novella historica.
Terra de Brasa—romance.
Paginas Sulistas—contos.
O Dialecto Brasileiro—diccionario.

João Correia das Neves

Nascido em Salobro (Pesqueira
Pernambuco), em 5-6-1902

Começado na noite de 1 de
Agosto de 1922 e terminado
na de 8 do mesmo mez e anno

Este romance pertence
— ao —

Alberto Matheus Vieira

Residencia:

— BOTUCATU —

A' memoria dos meus queridos paes

Amelia Aurora das Neves

e Custodio Correia de Araujo

DUAS PALAVRAS

Um meu amigo, residente em Botucatú, aventou-me a idéa de escrever esta narração, occorrida no anno de 1885, nesta cidade serrana paulista.

Começando, logo, a concatenar os dados necessarios, vi que o assumpto era importante, para mim, e, no sentido de leval-a a effeito, procurei o meu jovem amigo Hugo Pires, com quem andei á cata de pessôas de relações do mesmo, que eram sabedoras dos factos, conseguindo, felizmente, o viso almejado.

Foi, nessas occasiões, que os meus presados amigos Francisco Dias Ferraz e Al-

tino de Campos Toledo, escrivães do crime, em Botucatú, offereceram-me á leitura o processo-crime, de cujo assumpto abrange esta obra, o que veiu mais dar-lhe margem.

Não me afastei da tarefa de que me incumbi, dando-lhe o tom veridico, de conformidade com os documentos que versam sobre este facto, e, penso, que esta obra satisfará a curiosidade daquelles que conhecem o caso da tão lendaria Anna Rosa.

Botucatú, Setembro, 1922.

João CORREIA DAS NEVES.

ANNA ROSA

Ali, bem perto daquelle morro, numa humilde casinha branca, que, com as intemperies dos tempos ruiu ao chão, nasceu Anna Rosa.

Anna Rosa era a virgem dos cabellos mais pretos que as pennas do corvo e tão longos como as palmas da carnaúba.

Seu sorriso era mais doce que o mel da mandassaia, capaz de atrahir o coração mais insensivel.

A emanancia embriagante da alfavaca não rivalisava com o seu perfumado halito, nem a papoula viçosa tinha o rubor dos seus lindos labios.

Sua pelle era morena e o formoso semblante oval apresentava sempre gesto adoravel e bello.

Os olhos eram mais pretos que o ebano, dotados de impenetraveis fulgores, parecendo dois astros luzindo nas regiões infindas, em noite de céo limpido e tranquillo.

Sua bocca era excessivamente pequena, vendo-se, com o sorriso nos labios purpurinos, dentes alvos como chernita, dando aspecto de lindas perolas ricamente engastadas.

Os seios lubricos e palpitantes salientavam-se nas suas fórmas atrahentes e esbeltas, e a excrescencia rosea do centro das pomas ameaçavam romper a sua indumentaria.

Anna Rosa tinha estatura e compleição medianas e, quando andava, os pés graceis mal tocavam o chão.

Quando ria, o semblante tornava-se como o de uma soberba hauri, enlevando até o coração mais insensivel que fosse.

Quando a sua voz fremente desferia

uma linda canção de amor, parecia formoso cherubim descendo dos céos, cantando hymnos de gloria.

Quando chorava, Anna Rosa era como uma deusa e as lagrimas que lhe cahiam pelas faces eram mais crystallinas que o orvalho da noite.

Quando fallava, a sua voz dava um tom brando e maleavel e a sua risada tinha o aspecto das gargalhadas infantis.

Possuia coração bom como as pombas mansas, adoravel como saberba nympha e manso como um cordeiro.

Nasceu da humildade, debaixo de rustico tecto, sómente experimentando a doçura e os carinhos dos paes ditosos, que se sentiam felizes quando a tinham ao lado ou apertando-a ao peito, ouvindo o pulsar do seu meigo coração.

Anna Rosa nasceu com a formosura deslumbrante, que augmentava, á proporção que subia a montanha da existencia.

Vivia na ermidade, habitando em agreste recanto, mas não carpia a sua vida, sentia-

se feliz estando em contacto com as bellas harmonias da natureza, do que morando em cidade sumptuosa, onde só se ouvem os borborinhos frequentes, o movimento e os surtos que os povos emprehendem, na sua febre de constante progresso.

Quando o sol, com as grandiosas espadas de ouro, batia o horisonte, tisnando as nuvens de reflexos magestosos e espalhando a luz vivificante pela terra, a morena virgem ia passear pelas campinas, verdes como mares de ricas esmeraldas, colhendo lindas flôres sylvestres, que desabrocharam pela força da seiva pura.

A's vezes, sentia-se tão enlevada, com a alma a transbordar em diluvios de satisfação, apreciando aquelle espectaculo soberbo e atrahente, sua voz doce e maleavel quebrava a extasiante harmonia que reinava por todo o recanto que a envolvia, cantando langorosamente uma canção de amor, era hymno que fazia á terra que lhe deu o berço, mostrando-se contente em pisal-a.

Depois, trefega, sahia correndo pelos

campos, derrubando, com os pés graceis e nús, as flôres rusticas e calcando a verde relva achanada, que despontou com as ultimas chuvas.

No campo, correndo em todas as direcções, a morena virgem parecia borboleta polychroma, em revoluteios constantes, para depositar seu beijo offegante no calice das flôres.

Anna Rosa era feliz, não invejava a vida da cidade e amava profundamente a nesga de terra onde nasceu e que era tambem berço dos seus queridos paes.

Inebriava-se em contemplar as manhãs sorridentes, o astro-rei erguendo a corolla rubra, as nuvens que povoam o céo de saphira e os sumptuosos montes que estendem os pincaros para o zenith.

A' tarde, quando o sol escondia, como avarento, as espadas de ouro, formando o arrebol, espalhando manto de purpura e a brisa a soprar monotonamente, fustigando as copadas arvores e baloiçando a flôr no hastil, Anna Rosa sentava-se á porta da

morada, com os lindos cabellos mais pretos que as pennas da graúna voltados para o dorso, o seu coração envolvia-se em densa athmosphera de contentamento e a alma pairava no ápice da commoção, em apreciar espectaculo tão encantador.

A morena virgem era feliz!

CHICUTA

As estradas, que cortam as regiões paulistas, acolhiam, em seu seio, valente carreiro, guiando um carro, que era movimentado por duas juntas de boi.

O vehiculo rustico dos tempos antigos rodava rapido, fazendo aquelles saculejos, emquanto os bois baixavam as cabeças, afim de aguentarem mais o peso da carga volumosa.

O eixo, apertado pelos cocões, fazia canto estridente e forte, que ecoava nas brenhas.

Adiante, se dava em caminho pedregoso, eil-o que ia a barulhar, as rodas ba-

tiam violentamente de encontro ás pedras, espalhadas ao chão, e os cascos dos bovinos fincavam-se nellas, écoando estalo secco e rijo, fazendo um rythmo adoravel.

Si passava em partes arenosas, o rustico vehiculo mettia o rodilho nellas, chiando asperamente e o peso da carga tornava-se mais difficil de ser arrastado, os bois baixavam os flancos, esforçando-se para vencerem o obstaculo.

Quando um boi manhava, querendo descarregar o esforço no outro, o carreiro bradava em tom secco, que ecoava no matto:

— Leva, Mansinho! não escóra no outro! Puxa, Moléque! Péga com vontade, Sirigado! Vamos vêr!...

E brandia o aguilhão ponteagudo, fino, no lombilho dos bois, que sahiam no tróte, estalando as guampas, que iam de encontro ás outras.

A junta da frente era composta de bois pequenos, pois dizia o carreiro ser preferivel esta dimensão, afim de tornar-se

o vehiculo facil de conducção. O do lado esquerdo, de nome Moleque, era um boi preto, cujo pescoço musculoso salientava-se, em cima do qual estava a canga, confeccionada a capricho, com os respectivos apetrechos, para aquelle fim.

O outro, de nome Sirigado, era um boi sapiranga, forte, vigoroso e espadagudo. Era, talvez, a primeira ou segunda vez que entrava para puxar o vehiculo, pois, quando o carreiro brandia-lhe o aguilhão no lombilho, avançava ardegamente, ameaçando arrebentar os correiames.

Diante do refestelamento do animal, o homem bradava, esguérando-se:

— Está sem vergonhando, boi safado! Você tem que amansar nas minhas unhas!...

A junta trazeira, alta, cornos compridos e volteados, tinha a mesma côr e o mesmo aspecto, parecendo que o carreiro houvesse escolhido a capricho.

Estava atrelada a da frente por formidavel cambão, nas pontas do qual achava-se amarrada, com «nó de cégo», grossa corda

de couro crú. O do lado esquerdo era o Mansinho, «boi velho bom prôs trinta», conforme falava technicamente o carreiro, gabando o animal.

O outro tinha o nome de Espigão, em virtude dos cornos serem erguidos para o ar, dando aspecto de quererem fórmar um circulo.

Quando o carreiro fincava-lhe o ferrão no lombilho, tornava-se quieto, sem reacção, mostrando-se com aquelle humor de boi já acostumado com o mister, apresentando sempre a resignação nos olhos virginaes.

Vendo a attitude do animal, o conductor bradava enthusiasmado, ufano:

— Já se acostumou com o trabalho, hein?! Está muitc bom assim! E'! E, na minha volta, tudo tem que amansar!...

O homem, que era Francisco de Carvalho Bastos, conhecido em toda a redondeza pelo nome de Chicuta, tinha estatura regular, compleição vigorosa, cabellos castanhos e olhos negros, nos quaes bom perscrutador desanuviaria a sombra de instincto

austero, genio de leão e dotado de manhas encobertas pelo véo da sua capciosidade.

Pelle esbronzeada, talvez queimada pelo sol causticante, quando atravessava as regiões com o vehiculo.

O bigode baço dava-lhe aspecto garboso, pois as pequenas pontas, Chicuta conservava-as para o lado das narinas.

Tinha olhares fuzilantes e sinistros ás vezes, quando olhava de esguelha.

Si alguem lhe offendia com ditos e motejos, o carreiro demonstrava indole má, querendo commetter arbitrariedades, mas, fóra disto, tratando-o em attitude séria ou expansiva, elle sabia corresponder no mesmo tom.

Contam que, num dia, Chicuta ia á cidade, montado em entroncada burra pedrez, afim de fazer compras. A alimaria era dessas que gostam de caminhar acoando-se de vez em quando, refestelando-se para não proseguir viagem, sempre dominada por lomba terrivel.

Aconteceu que, ao chegar em certo

trecho na estrada, a burra acoou. Chicuta tangeu-lhe as esporas nas ilhargas e a burra soltou alguns pares de couce, ficando no mesmo logar. Bateu fortemente a chibata na anca, mas o animal fastava, ora avançava, empertigando depois.

Sangue crestou logo o rosto do viandante, dominado por colera tremenda, como fulminado pelo raio cahido das regiões ethereas.

— Estás com o diabo, hoje, burra da peste!...—bradou elle.

Metteu de novo os acicates das rosetas no vasilho e o animal trocava passos, murchava as orelhas, do canto não sahia.

Num impeto de furor, raivoso como cão damnado, levantou a chibata e lateu com força entre as orelhas, no topete da burra, que, com o choque, entonteceu, desorientou-se, rodando como corrupio.

Chicuta, naquella contingencia, tangeu o freio do lado contrario e a cavalgadura estancou. Brandiu a chibata, esporeou-a, praguejou, blasphemou e nada, sempre em-

pacada. Inebriado de furor, colera tremenda dominou-lhe o animo, rangiu os dentes como féra estaimada uivando nas selvas, mordeu os labios com impo, terrifico, titanico, horrendo. Os olhos chispavam, accesos como tochas vivas, em noite de escuridão.

Fulminado pelo intenso convulsionamento, Chicuta desceu do animal, praguejando, fumegante, bufando.

Tirou da cintura formidavel faca ponteaguda, fina, e, num assomo de verdadeiro arrebatamento de colera, levantou a mão direita que ostentava firme a arma, e desceu-a violentamente, intromettendo-a na barriga do animal, que, num urro de dôr e de morte, cahiu ao chão, arquejando, sem vida!

— Agora, vae estourar-tê nos infernos, burra dos mil diabos!... — rosnou como féra damnada.

O ENCONTRO

O céo estava limpido e calmo, reluzindo como espelho de metal polido. O sol espargia o calor pela terra, mas vento brando, vindo do sul, refrescava todo o ambiente.

De momento em momento, o passaredo cantava, rompia naquelles trinados, que tanto emballam os corações sensiveis.

Chicuta seguia estrada afóra com o seu vehiculo. Além, deu em immensa planicie, donde se descortinavam verdes campos e serras longinquas, vestidas de fino véo de gaze transparente.

De subito, no matto, irrompeu voz tão maleavel como a vibração da harpa, cantan-

do docemente uma canção de amor. O carreiro, enlevado com o terno canto, parou o carro para escutar, ficando entregue ás harmonias scismadoras.

Numa vereda proxima, appareceu linda jovem de cabellos negros, voltados para o dorso, em fórma de trança.

Chicuta fuzilou-a com o olhar, contemplando a sua belleza e formosura estonteantes. Cravou os olhos lubricos nos seus contornos excitantes, examinou a sua physionomia, linda como os amores, deixando escapar dos peitos extensos suspiros de volupia.

Era Anna Rosa. A morena virgem fez-lhe um gesto de cortezia, saudando-o, o que elle correspondeu com riso nos labios.

— Ha annos que sou carreiro nesta estrada e ha vinte que vivo neste mundo, e nunca vi menina bonita como tu.

A morena gostou do phraseado do mancebo, desfazendo-se em riso.

— Obrigada, moço. — disse ella. Tambem os homens gostam de augmentar...

— Juro-te, belleza, que falo sério como um morto.

A moça soltou gargalhada estridente, pela comparação do carreiro.

— Ris? O teu riso, diabinha, fez-me later o coração, como um machado na matta.

— Ora, moço. O senhor sympathisar-se com tão pouco...

— Pouco não. Eu já não me sympathiso por ti, lindeza. Gosto de ver-te.

— Devéras?

— Juro-te. Si eu tiver mentindo, Deus me ouça. Em a gente dizer a verdade, é caso de se estranhar?...

— Não. Mas os homens gostam de brincar com a gente, sempre dizendo os seus ditos.

— Tirando, porém, eu desse ról. Eu só tenho um defeito, minha negra.

— Qual?

— Falar sincero, quando vejo u'a menina bonita como tu. Dizé-me, e tu que achas em mim?

— Bomsinho . . .

— Deixa-te de ser manhosa, morenínha arrelienta! Teu «bomsinho» accendeu um fogo bem dentro do meu coração. Fala-me de lá, morena, alguma vez amaste?

— Nunca . . .

— Não acredito.

— Porque?

— Uma lindeza, como tu, ainda não cubiçou os olhos de alguem? Quem é que, vendo-te, não fique gostando de ti? Só estes teus olhos pretinhos dão para atormentar a gente . . .

— Nem todos têm a mesma intenção, homem de Deus. O gosto da gente é de toda a fórma. Infeliz do preto se não fosse o gosto . . .

— Como te chamas, morena?

— Anna Rosa, sua criada.

— Criada sejas de Deus. Teu nome assentou em ti, porque és tão bonita como uma rosa. E eu, lindeza, quizera ser uma borboleta, para fincar-te um beijo no rosto.

A moça soltou gargalhada, achando

muito interessante o motejo do carreiro.

— O senhor tem cada uma...!

— Não é crime dizer o que Chicuta sente...

— Pois é. Tambem não acho nada demais na conversação do senhor. E, sim, divertida, porque alegra o coração da gente. Bem seria si fosse nalgum dia em casa, para conversar com os meus paes, que tanto gostam de homem conversador como o senhor.

— E onde moras, morena das meninas dos meus olhos?

— Ali, perto da estrada, no pé daquelle morro.

— Bem, lindeza. Vou á cidade e, na volta, passarei por lá. Aprompta o café para Chicuta tomar.

Anna Rosa meneou a cabeça, dando gesto de accetimento, despedindo-se, em seguida.

— Adeus, coração. Até a volta. Dorme e sonha commigo.

O carreiro virou-se, brandiu o agui-

lhão, gritando em tom secco, que ecoava longe:

— Leva, Moleque! Avança, Sirigado!..

E o carro sahiu rodando, cantando estridente, emquanto o rodilho, passando por terreno pedregoso, fazia barulho rythmico, adoravel.

AOS BRAÇOS DE CUPIDO

Mezes passaram.

Chicuta e Anna Rosa amavam-se com aquelle amor forte e abrasado.

O carreiro conquistara facilmente a sympathia dos paes da donzella e elle, ao passar naquellas redondezas, conduzindo o vehiculo ia aboletar-se lá, anciando pelas caricias da morena virgem.

Num dia, ao pôr do sol, estavam os dois pombinhos sentados á porta da morada, arrufando, de vez em quando, as pennas do amor.

Anna Rosa, numa ancia que a paixão inspira, approximou o lado esquerdo do

corpo, unindo-o com o direito de Chicuta, em tom provocativo.

O mancebo ruborisou-se todo, crestando-lhe a fronte sangue quente como brasa. Fitou a morena, lubricamente, arretanticamente, e ella cravou os olhinhos de veliudo nos do jovem, fazendo riso de matar, nos labios de carmim, convulsionando rapido o amante, que se deixou dominar por violenta satyriase.

Chicuta não olhou si alguem se achava em torno de si. Pousou a mão no pescoço da donzella, o que a fez arrufar-se toda, manhosa e voluvel.

— Estejas quietinha, meu amor, senão eu morro por tua causa...

A morena riu-se e Chicuta collou os labios nos della, trocando ambos beijos estalantes, febris, arretânticos.

— Ai, menina da minha paixão, teus beicinhos são macios como uma camurça e tão quentes que dão para tostar os meus.

Ambos deixaram escapar fortes e longos aflos de volupia, tendendo aquellas almas a

se unirem, a se quererem..., A electricidade positiva de Chicuta e a negativa de Anna Rosa tendiam para uma descarga, mas o choque foi evitado, pois, bem perto, o sabiá, pousado nas franças da laranjeira, estrugiu o canto emballante, quebrando a doce harmonia dos amantes.

— Este passaro dá saudade na gente... — murmurou o mancebo.

Dias após, casaram-se na Villa do Rio Novo, hoje cidade de Avaré, de onde partiram para morar na fazenda do primeiro nome, de propriedade de Chicuta.

Viviam felizes, pareciam duas almas unidas em um só corpo.

MAUS HORISONTES

Como diz o rifão: «No principio, são flôres e, no fim, dôres.

Passaram-se poucos mezes, depois do casamento de Chicuta com Anna Rosa.

Ambos viviam satisfeitos, morando no mesmo tecto, não havendo siquer o menor aspamento de parte a parte.

Mas o tempo, que é o escol de muitas cousas bôas e ruins, transformou aquelles corações, gerou-se o primeiro arrufo, o segundo e consecutivamente, tornando o casal em constantes arengas, sempre com ranzinzas e quéras terriveis.

Por toda a redondeza, graças á sua

belleza, Anna Rosa fazia cubiçar os olhos da caipirada, que, enciumada e tiririca com Chicuta, bradava que elle «não merecia uma boniteza daquella.»

As más linguas, então, começaram a matracar, ao tempo das desavenças do casal, dizendo isto, falando aquillo, accrescentando que ella tinha relações clandestinas com um certo rapaz ali residente, muito queda do ás conquistas.

E tanto que roeram a coirana, e tanto que tagarellaram, afinal, num dia, chegou aos ouvidos de Chicuta, que se tomou logo de colera tremenda, rangindo os dentes como cão hydrophobo.

Veiu o ciume enraigar-se no seu coração austero. Privou á mulher de sahir de casa, não consentindo que ella ultrapassasse os limites do terreiro.

— Eu não posso ser sua captiva! — bradou ella, protestando.

— Não quero conversa. Na minha casa, quem manda sou eu. Quem canta no terreiro é o gallo e não a gallinha.—rosnou elle.

Chicuta tinha manhas encobertas. Não revelou nada á mulher o que as más linguas falavam. Quiz, antes, ficar calado, afim de poder pegal-a em flagrante.

A' proporção que os dias corriam, as desconfianças augmentavam-se, pois elle via em mente a infidelidade da esposa, reavivando scenas que se assemelhavam com o murmurio malicioso do povo.

O ciume, quando gerado numa alma rustica, torna-se arma perigosa.

Foi o que aconteceu ao carreiro. Homem sem conhecimentos e sem instrucção, que se enlevava mais com as conversações maliciosas das linguas viperinas do que com as palavras da mulher; orgulhoso por se ter casado com uma jovem formosa, logo se lhe debateu no cerebro, que alguem desejava tirar-lh'a, levando-a para bem longe.

Pensava que ella já não lhe dedicava tanto affecto como outrora, possuia a visão de que o seu lar era ultrajado. Dizia elle mentalmente ser preciso chegar ás raias do impossivel, afim de combater o mal que o

ameaçava. Chicuta, muitas vezes, abria em imprecações com Anna Rosa, por qualquer mal feito que ella involuntariamente houvesse commettido, gritando em attitude aspera, taxando-a de improperios e palavras severas.

A morena sentia-se oppressa e magoada em tamanha contingencia, tornou-se triste e pensativa, carpindo a sua desventura.

Já não se sentia feliz, os horisontes daquelle tecto enegreceram na madrugada da vida.

A's vezes, chorava amargamente, maldizendo o seu infortunio, pois não podia comprehender a razão porque o marido se transformara de momento para outro.

Procurava dominar-lhe o animo, prodigalisando-lhe caricias, mas o homem era verdadeira féra, guardava a desconfiança no coração de pedra.

Num dia, Chicuta foi ao trabalho e a morena ficou em casa, fazendo arrumações.

Quiz o destino que lá fosse um sujeito que morava pelas redondezas e que era dado a conquistas amorosas e a quem

muitos ali temiam, pela sua fama de valentão.

A pretexto de negocio com o carreiro, o tal individuo lá se foi, com intenções más, entabolar conversações com Anna Rosa.

— Bom dia, dona. Seu Chicuta está? — disse elle da porta de frente.

— Não, senhor. Sahiu agora mesmo para o trabalho.

— E elle como vae?

— Vae indo assim...

— Mas sempre ruim de genio? — indagou elle, mudando de tom a conversa.

— Aquelle homem ninguem entende. Tornou-se mau como jararaca, tenho soffrido horrores nas mãos delle. A's vezes, tenho vontade de fazer uma asneira.

— Console-se. Faça delle como a gente faz do jogo. Si não serve, procura-se outro. Demais, que a senhora não póde aguentar tamanho captiveiro. Vejo-lhe u'a moça bonita, que bem póde viver em companhia de gente melhor que Chicuta.

A morena sentiu-se inquieta com o

rumo na conversa, mudando de feição. Olhou para a estrada, parecendo, em seus olhos, o vulto do marido. O peito offegava, anciando, sobrossando catastrophe tremenda a lhe convulsionar.

De subito, passou em frente á casa, dirigindo-se pelas bandas para onde o carreiro sahira, um molecote, que olhou para os dois com certa estranheza.

Anna Rosa perscrutou o sentimento do preto, vendo, nos seus olhos, um quê de malicia.

Accusando qualquer pretexto, a morena pediu desculpas ao visitante e entrou e elle sahiu, ganhando a estrada.

Chicuta era ladino e indagador. Quando o molecote ia caminho afóra, elle lhe perguntou :

— Donde vieste, Benedicto ?

— De lá de casa.

— Passaste por casa ?

— Sim, senhor.

— Que ha de novo lá ?

— Que eu saiba, nada. Vi sómente

um homem conversando com nhá D. Rosa, na porta.

Chicuta arregalou os olhos, quê chisparam como fogo.

— Quem era elle ?

— Parecia-se com o Chico da Baixada.

— Como elles conversavam ?

— Elle estava se alegrando para o lado della.

O carreiro encolerisou-se, bufando de estupor, e, sem perda de tempo, dirigiu-se para a casa.

Raivoso, fumegante, entrou, perguntando :

— Rosa, quem esteve agora aqui ?

— Chico da Baixada, homem. Veiu a negocio comsigo.

— Comigo, hein, sujeita velhaca ? ! Ainda me vens dizer que ellé veiu a negocio comigo ? ! Eu tenho negocio com aquelle peste ! . . . Tu estavas conversando com elle, como namorada, typa sem vergonha ! . . .

— Você não póde dizer isto ! E' um falso ! — bradou a morena, indignada.

— Cala-te, miseravel! — rosnou elle, cerrando os pulsos.

— Não deve maltratar-me! Não sou sua captiva! Está procedendo como um covarde!...

Chicuta inebriou-se de furor, com as palavras da esposa. Num assomo de raiva, pegou-a pelos pulsos e arrêmessou-a ao canto da sala.

— Infame! patife! Só faz isto com u'a mulher!... — exclamou ella, arrogante, azucrinada.

— Si não calas a bocca, estrangular-te-ei! Dize uma palavra ao menos, mulher desgraçada! — falou elle, rangindo os dentes e ameaçando-a com os pulsos.

A pobre Anna Rosa deixou-se dominar por profundo pranto, maldizendo amargamente a sua infeliz sorte, entregue ás mãos dum homem tão ferino e cruel, de genio igual ao de féra bravia.

A scena pungente foi interrompida por um bater de palmas na porta de frente.

Chicuta dirigiu-se para attender.

— Os bois já estão encarreados.—disse um rapazote.

O carreiro sahiu com o mensageiro e Anna Rosa levantou-se banhada de lagrimas, tendo em mente uma resolução: fugir.

Já estava farta de soffrer tanta desventura e tanto horror, desejava ver-se livre das garras do famigerado marido, não queria vel-o, d'ora avante, junto a si.

Arrumou pequeno volume, contendo algumas peças de roupa e ficou espreitando da porta, quando o marido passasse com o carro. Minutos após, o vehiculo movimentou-se, espalhando ao longe o canto estridente e forte, sahido dos eixos apertados pelos cocões.

O carro ia bem carregado e os bois inclinavam as cabeças para arrastar o volumoso peso. Anna Rosa seguia com o olhar o movimento do vehiculo, deixando escapar dos peitos aflantes suspiros de contentamento.

Chicuta fincava o aguilhão no lombilho dos bois, bradando em tom secco, que écoava nas brenhas:

— Puxa pelo pé, Moleque! Avança, Sirigado! Não escóra no outro, Espigão! Anda! deixa de preguiça!

Quando já não ouvia o canto ecoante do carro, Anna Rosa abandonou a casa maldita, pondo ao hombro o pequeno volume.

Lagrimas sentidas banhavam-lhe o semblante formoso, cahindo ao chão em borbotões, e a estrada a acolhia em seu seio, dirigindo-a para Botucatú, onde a morena bella aspirava encontrar um recanto, afim de poder cicatrisar a ferida que lhe dilacerava cruelmente o coração e aplacar as magoas que pungia a sua alma infeliz.

SÓ NO MUNDO

Era noite.

A lua vinha se erguendo no horisonte, com'a corolla avermelhada, espalhando ondas de luz por todo o recanto que a envolvia, e nuvens tisnavam-se pelo reflexo, dando espectaculo soberbo e atrahente.

As estrellas tremeluziam nos céos, céos limpidos e serenos, de azul triste e profundo.

Vento frio soprava em direcção ao norte, tangendo os arvoredos.

Atravéz das ruas de Botucatú, repletas de pequenos mattos que nasceram com o tempo, Anna Rosa andava tristonha e pen-

sativa, arfando de cançaço e de fome. Lagrimas crystallinas banhavam-lhe as faces bem serenas, carpindo o grande tormento que lhe dilacerava o coração e lhe acabrunhava a alma.

A's vezes, soluçava convulsivamente, pensando no terrivel destino a que se entregara, vendo-se sósinha no mundo, arremessada aos braços da miseria, sem lar e sem arrimo, sem tecto e sem pão.

Seguia em tardo pé, cabisbaixa, acabrunhada, soffrendo dores terriveis dentro d'alma, marchando para o abysmo da sua desventura.

De vez em quando, lançava o olhar sereno para alguma casa, clareada pelo bico do gaz, tendo impeto de ir pedir pousada. O cançaço tremendo dominava-lhe o animo, as forças já se lhe definhavam, parecia velho cão, exhausto e vagabundo, percorrendo os recantos da miseria, esfaimado, uivando por minguo jantar.

Copioso pranto amargo banhava-lhe o lindo rosto e a sombra da tristeza maldita

apresentava-se ante seus olhos de velludo.

De momento em momento, nos estertores de agonia, nos lances de emoção e de definhamento, Anna Rosa murmurava palavras de afflicção, pedindo clemencia e piedade aos deuses, para que acalmassem o seu infinito soffrer.

Ia em plena rua Riachuelo, inhospita quasi, apresentando aqui e ali algumas casas. A errante, vendo pequena morada illuminada, para lá se dirigiu. Bateu na porta, onde appareceu u'a mulher de estatura baixa, compleição vigorosa, olhos vivos e fuzilantes, pelle de alabastro e cabellos igneos.

— Que deseja, moça? — inquiriu ella, contemplando seu aspecto doloroso.

— Vim pedir-lhe pousada. Estou a morrer de cançaço, pois tirei longa caminhada, esfalfando-me terrivelmente.

A dona da casa commoveu-se diante daquella alma infeliz e desgraçada, e disse:

— Entre. Faça de conta que está em sua casa.

— Obrigada. — respondeu Anna Rosa,

tristemente, entrando. Afinal, encontrei alma bôa e generosa, que teve dó duma ente sem sorte, entregue aos braços da desventura, vivendo só no mundo.

— Só no mundo? Como assim? — indagou a outra, espantada.

— Sim, só no mundo. Sou victima atroz dum marido canalha e bandido, que me queria trazer debaixo dos pés, como verdadeira escrava, esbordoando-me desapiedadamente. Já estava farta de soffrer, não podia mais supportar tamanho tormento, tão grandes afflicções. Nesta contingencia, resolvi abandonal-o, fugindo para aqui.

— Onde morava?

— Na Villa do Rio Novo, onde nasci e me casei com o monstro que me tornou infeliz.

— Quem é elle?

— Francisco de Carvalho Bastos, vulgo Chicuta.

— Seu nome?

— Anna Rosa.

— Soffreu muito, Rosa. Você não ficará

desamparada. Eu, Fortunata Jesuina de Mello, velarei por si. Esqueça o passado, não pense nelle, faça de conta que nada soffreu.

— Obrigada. Tanta bondade não posso retribuir.

— Nada tem a agradecer. Diga-me, mulher, porque seu marido era tão tyranno?

— Sempre teve genio mau e perverso. Quando se casou comigo, era bom como nunca vi, mas, depois, virou a bola, tornou-se um miseravel. Tempos após, o ciume gerou-se no seu coração, não me deixava sahir de casa, e, si eu o fizesse, era logo esbordoada e tratada com gritos. Num dia, foi em casa um sujeito, dizendo que tinha um negocio com elle. O miseravel não estava, havia sahido. O tal sujeito começou a conversar comigo da porta, e, nesse momento, passava, no terreiro de casa, um molecote, que correu e foi contar que eu estava conversando com o sujeito, em tom amistoso. Chicuta chegou em casa, gritou-me, deu-me bordoadas, empurrando-me, depois, com violencia ao chão, querendo matar-me

até. Por isso, eu fugi das mãos daquelle bandido, não podia mais viver com ellé um só instante.

Anna Rosa inundava-se de lagrimas, recordando scena por scena.

— Acalme-se. — falou Fortunãta. Aguas passadas não moem engenho, mulher de Deus. Hoje, você está livre do seu marido tyranno.

ALMA ENDEMONIADA

Era já de noite, quando Chicuta rétornou á fazenda, guiando o carro de boi, que entrava nos terrenos da propriedade, cantando estridente, ecoando ao longe.

O carreiro, após se ter desoccupado por completo do trabalho, volveu á casa. Estava tudo soturno e escuro como breu, causando-lhe logo seria estranheza o caso. Chegando na porta, gritou:

— Rosa!

Ninguem respondeu. Chicuta tomou-se logo de colera. Accendeu um archote, que clareou até ao tecto, percorrendo a morada, gritando:

— Rosa ! Rosa ! . . .

Mas não tinha resposta. O carreiro rangiu os dentes convulsivamente, ameaçando partil-os, teve em mente visão tenebrosa. Debateu-se-lhe no cerebro, que ella o havia abandonado, fugindo talvez com outro, ficando firme a sua imaginação nessa hypothese, quando perdeu todas as esperanças da mulher apparecer.

— Rosa ! Mulher desgraçada, infeliz de portas, apparece, infame ! . . . — rosnou elle fumegante, entre as trevas da noite.

O raio da colera abrasou-lhe o animo, o coração pulsava em estertores, o sangue fugiu-lhe todo para a cabeça.

As mãos tremiam apavorantemente e os dedos trispavam-se um ao outro. Comprimiu os pulsos vigorosamente, nervosamente, com impo feroz, terrivel, medonho.

Os olhos, arregalados, sinistros, esguelhados, pareciam querer vomitar fogo e os dentes rangiam, dando aspecto de verdadeiro cão damnado ou espectro hediondo, vagando na solidão.

Os cabellos, em desalinho, tornavam-no pavoroso, phantasmagorico e os passos avançados, precipitadamente, não se embargariam diante de qualquer obstaculo que se lhe puzesse na frente.

Dominado pela intensa raiva, Chicuta resmungava na escuridão:

— Miseravel! Hei de metér-te este punhal no coração, a nde te encontrar!

Deu na casa de um visinho. Perguntou pelo paradeiro da mulher, mas ninguem o sabia. Foi em casa de outros, tendo resposta negativa. Ao passar mais além, viu que diversas pessôas conversavam sob o alpendre.

— Vocês sabem noticia de Rosa? — indagou elle.

— Não; aqui ninguem sabe. — respondeu o dono da casa.

— Aquelle seiscentos mil diabos parece-me que se soccou nos infernos!

— Que foi que houve, homem de Deus? — perguntou um do grupo.

— A infeliz de portas fugiu de casa,

foi para os mil diabos, viver com os quintos !

— Que nos diz ? Será possivel ?

— Tanto quanto a peste que a carregue !

Um do grupo, chegado de pouco e que morava noutra fazenda distante, perguntou ao carreiro :

— Diga-me de lá, homem. Não é u'a mulher, ainda moça, morena e de cabellos pretos ?

— E'. Viu-a ?

— Vi-a, sim. Já eram quatro para cinco horas, quando a encontrei, com um volume ao hombro, em caminho de Botucatú.

Chicuta não deu mais uma palavra, sahiu correndo doidamente, em direcção á casa. Chegou no cercado, tirou a burra de nome Sóta e puxou-a pelo cabresto.

No terreiro da morada, sellou-a, pozlhe os arreios, enfreiou-a, montou e partiu celere, como relampago, tomando a estrada de Botucatú. A lua já vinhha despontando no horisonte. Trispando de odio, Chicuta dizia :

— Mulher desgraçada ! Hei de trespassar-te o coração com á ponta da minha faca !

NO RASTO DA ESPOSA

Chicuta, altas horas da noite, pousou numa estalagem, á margem do caminho.

Quando o sol despontava no horisonte, pegou a burra Sóta, sellou-a e montou, sahindo no trote, avançado.

Eram oito horas, quando chegou em Botucatú. Seus olhos vinham faiscantes, dirigindo nystagmos em todas as direcções, para ver se notáva algo a seu respeito.

Aproximando-se duma vendola á rua Riachuelo, deu com o Avelino Ferraz, mais conhecido por Nhonhô, homem baixo e entroncado.

— O senhor mora aqui?—disse Chicuta.

— Desde creança,

— Não sabe noticias de u'a moça morena, de cabellos pretos, que veiu ha pouco da Villa do Rio Novo?

O Quasimodo cuspinhou de lado, depois, fazendo ligeiro intersticio, como coordenando as idéas, disse:

— Homem, será uma que está na casa da Fortunata? Essa chegou de novo, mas não me disse de onde. Seu nome é....— interrompeu elle, pondo a mão na cabeça, para ver si se recordava.

— Anna Rosa, homem de Deus. — atalhou Chicuta, interessadamente, contando com a affirmativa.

— Isto mesmo, Anna Rosa é o nome della e é bonita prôs trinta.

— Então, ella se acha em casa duma tal Fortunata?

— De corpo e alma.

— Quem é ella?

— U'a mulher atôa, que «anda na vida».

— Que me diz...? Mulher perdida?

— redarguiu elle, mordendo os labios, ante as palavras do interlocutor.

— Sim, senhor,

— E onde ella mora?

— Ali adiante. — objëctou, apontando. Naquella casa de taipa. Vá andando e não quebre em nenhum becco, que vae «morrer dentro».

Chicuta sahiu, tendo, antes, agradecido ao informante, que o contemplava em attitude interrogativa.

O carreiro mărcháva ancioso, para vêr a mulher que o abandonara. No seu cerebro, debatiam-se-lhe intuitos sinistros, apavorantes.

— O' de casa! — resmungou da porta, descendo da Sóta.

— O' de fóra! — respondeu Fortunata, apparecendo.

— E' aqui onde mora u'a mulher de nome Fortunata?

— Está falando com ella. Entrè e sente-se.

Obedecendo, entrou e sentou-se. Seus

olhos fuzilantes dirigiram-se para a sala da casa.

— Minha senhora. Soube que aqui mora u'a moça chamada Anna Rosa, vinda da Villa do Rio Novo. Trouxe para ella uma carta de grande urgencia, — disse Chicuta, dissimulando logo qualquer estranheza de Fortunata.

— Oh! uma carta? — indagou ella, assustada.

— Sim.

— De quem, meu senhor?

—Isto é que eu não sei. Um homem, que reside lá, entregou-m'a, afim de eu lh'a trazer aqui.

— Póde deixar nas minhas mãos, que está nas della.

— Não, não posso. Fui ordenada para que a entregasse, pessoalmente. A senhora faz-me o favor de chamal-a?

A mulher meneou a cabeça, accedendo, e, mesmo da sala, gritou para dentro.

— Rosa!...

— Prompto! — respondeu, chegando-se.

Chicuta levantou-se rapido ao ouvir a voz e Anna Rosa ficcu estatica, diante do marido.

— Que fazes por aqui, mulher? — resmungou elle, carrancudo.

— Muita cousa. Estránho a sua presença nesta casa, não me devia ter procurado. — disse a moça, serenamente.

— Não me respondas desta fórma, Rosa. Olha bem, que eu sou teu marido.

Fortunata perplexou-se ante â revelação do homem e Anna Rosa respondeu resoluta:

— Já fui sua mulher e hoje nẽm jamais serei. Soffri bastante, quando em sua companhia e você sempre era inclemente para comigo, querendo tornar-me uma verdadeira escrava. Estamo-nos sepārados para sempre, até a morte; procure a sua vida e eu procurarei o meu destino.

— Rosa, deves voltar para a minha companhia, pois eu sou rẽsponsavel pelos teus actos, e não admitto que fiques entregue aos bráços do destino.

A morena enraiveceu-se, deixou-se dominar por colera tremenda e disse resoluta:

— Desejo antes ser picada viva, do que voltar para a sua companhia!...

Chicuta ficou como tecido furta-côres e impando de furor. Cerrou os pulsos e teve impetos de estraçalhar a Anna Rosa, mas Fortunata atravessou-se e disse:

— Moço, não atormente mais o coração desta pobre. Vá em paz, procure a sua vida, vá viver descansado.

— Cale-se, typa immunda! — rugiu o carreiro, tigrinamente. Você não tem voz activa é u'a mulher atôa, sem honra e sem pudor!... Não se metta onde não lhe compete, sua cafageste!...

— Suma-se pela porta, que, na minha casa, quem manda sou eu! Não quero insultos e, si der um passo, gritarei por soccorro!...

No pensamento do carreiro, atravessou-se, de momento, imagem diabolica: vingança. Teve impulsos de estrangular a ambas, porém reflectiu que a occasião não era propria.

— Pensa bem, Rosa, que a minha vingança sêrá cruél! — bradou elle, sahindo.

Montou na burra e ganhou rua afóra, troteando, levantando nuvens de poeira.

COSTINHA E HERMENEGILDO

Chicuta dirigiu as redeas da Sóta, em direcção a uma vendola, na mesma rua.

Apeou-se na porta e entrou. Dois sujeitos mal encarados conversavam acaloradamente, escutados pelo bodegueiro.

O carreiro saudou-os, o que corresponderam. Dois copos chêios de pinga estavam dispostos no balcão. O sujeito de estatura e compleição regulares, olhos maus e sinistros, indicio de genio ruim e perverso, era um tal Hermenegildo Vieira do Prado, moço ainda, com dezoito annos, e possuia instincto feroz e hediondo, conhecído em Botucatú e nas redondezas, como o rei dos desordeiros,

que sempre vivia á frente de gente da peior especie, que só se sente satisfeita, quando pratica actos de vandalismo.

Olhava de esguelha para as pessôas, talvez com intenção de praticar qualquer desatino. Na capoeiragem, não se conhecia outro igual a elle, saltava de toda a fórma, quer de frente, quer de lado, quer de costas, exhibindo ligeireza incrivel.

No manejo da faca, não tinha rival, era dextro, habil.

Em tudo que fosse para praticar o mal, Hermenegildo achava-se sempre disposto e não temia ao maior obstaculo.

O outro, já velhote, de cincoenta annos, barba rala, bigode e cabellos grisalhos, estatura baixa e compleição franzina, olhos satanicos, revelando, ao primeiro lance de vista, o seu instincto hediondo e exécrando.

Era pequeno de tamanho, porém grande em crimes e desordens, capaz de beber sangue humano.

Chamava-se José Antonio da Silva Costa e era vulgarmente conhecido por Costinha.

Este igualava-se com Hermenegildo, e, pesados ambos na balança da justiça, taravam-se a ouro e fio.

Viviam juntos, verdadeiros avís, sempre dispostos a praticar os maiores actos de selvageria e, quando em lucta contra aquelles que tivessem a infelicidade de enfrental-os, só sahiam do campo de embate, deixando alguns feridos.

Corriam fama os nomes destes dois bandidos e não havia quem os não temesse.

Costinha olhou para Chicuta e disse:

— Moço, quer matár o bicho com a gente?

— Com muito gosto. — respondeu elle.

O bodegueiro encheu novo copo e, num só trago, sorveram a birinata.

— Hermenegildo, — falou o dono da venda — diga-me uma cousa. Quantas mortes você já tem na corcunda?

— Eu? Nenhuma.

— Bota a carga abaixo e conta a historia, meu parceiro. Não faças cerimonia de contar tuas proezas.

— Sáe de banda, Costinha.

— Qual de vocês dois que praticou a scena mais barbara? Teria sido você, Hermenegildo? — inquiriu de novo o bodegueiro.

Hermenegildo cuspinhou de banda, expellindo humor aquoso bem grosso.

— Homem, — disse elle — o maior acto de arrepiar cabellos, que pratiquei, durante a minha vida, foi enforcar um sujeito, suspenso num galho de jacarandá.

— Conte, Hermenegildo, quero saber. — retrucou o dono da bodéga.

— Já vão lá dois annos. — falou elle. Morava eu numa fazenda, no alto sertão. O dono possuia uma filha, bonita que fazia bater o coração da gente. Um sujeito engraçou-se da moça e, num dia, quando ella passava sósinha na estrada, o peste quiz fórçar a diabinha, que reagiu, apontando-lhe uma garrucha no peito, cousa que nunca deixava na sua vida, porque tinha um genio de jararaca, igual ao do pae. O caiçara deixou-a em paz e ella sahiu, foi logo dizer ao fazendeiro. Este, que era bom para fazer

mal e não tinha dó de ninguem, me disse:

— Hermenegildo, tens coragem?

— Graças a Deus, patrão, coragem nunca me faltou.

— Então, vae pegar o Chico da Varzea, mette-lhe uma córda no pescoço e enforca-o num galho de arvore.

— Eu, mais que depressa, chispei. Bati na porta do cafageste e elle veiu. Apontei-lhe a minha garrucha no peito e disse:

— Caboclo, não te mexas, que morres!

— O damnado ficou estatelado, sem animo, sem acção. Finquei-lhe uma córda no pescoço e o conduzi para um jacarandá. Dei o laço para o suspender e o sujeito gritava por tudo quanto era santo, pedindo-me que o não matasse. Eu me ri do desgraçado, achandc mesmo graça nos seus rogos. E, então, eu respondi:

— Cala a bocca, pestiado! Isto é para não mexeres mais com a honra das filhas alheias!

— Eu suspendi o bicho e elle gritava, gritava para o diabo ouvir. Botou um palmo

de lingua para fóra, os olhos esbugalharam-se, batia com as pernas, tangia os braços numa ancia de morte, indo falar com Satanaz, nas profundas dos infernos!...

Hermenegildo tomou outro góle de pinga e Costinha disse:

— Peior fiz eu, ha alguns annos. Morava, tambem, numa fazenda. O dono tinha negro por peste, uns négros a quem ei mais odiava no mundo. Num dia, um damnado desses fugiu da fazenda e o patrão, dando por falta, me disse:

— Costinha, dá uma busca no matto e traze-me aquelle maldito Felippe, vivo ou morto!

— Eu chéguei no terreiro e bradei para os cachorros da fazenda:

— Rompe Nuvem! Espalha Brasa! Corta Vento!... Ecô!!...

— A cachorrada veiu com os mil diabos, latindo, parecia que èstava com vontade de matar gente, estraçalhar tudo! Aticei-os para dentro do matto, e sahiram como vento, acompanhando-me. Eu remexi o matto

em todas as direcções, bole daqui, bole dacolá e nada de encontrar o peste. Quando eu ia passando sob uma arvore copada, lá no alto, escondido nos galhos, estava o ladrão. Eu, contente com a empreza, falei ao negro:

— Desce, filho do diabo, senão te passo uma bala na cabeça!...

— O negro, tremendo de medo, desceu. Tomei uma antipathia pelo desgraçado e sentei-lhe uma bofetada na cara, que chegou estalar. O Felippe damnou-se, avançou para mim, querendo estrangular-me, com os seus pulsos de ferro. Arranquei do facão, dei-lhe um golpe na cabeça, com a laminá, para partil-a pelo meio e o negro torceu-se, mas a arma pegou-lhe na orelha direita, cortando-a. Aticei os cachorros, que partiram como féras. Rompe Nuvem agarrou-lhe no pescoço, arrancando a garganta; Corta Vento estraçalhou-lhe a barriga, e Espalha Brasa devorou-lhe o rosto, cortando a venta, a bocca e as bochechas. O negro morreu logo, esvaindo-se em sangue, gritando, gemendo, deba-

tendo-se, foi para os infernos, conversar com o diabo!...

Costinha e Hermenegildo sorveram o ultimo trago, sahindo depois, tendo, antes, se despedido do bodegueiro e de Chicuta.

Este viu, naquelles dois homens ferozes, as figuras ádequadas para o quadro tenebroso que ia confeccionar. Despediu-se do dono da venda e sahiu.

Costinha e Hermenegildo iam perto. O carreiro, acenando, fel-os parar.

— Homens, vocês têm coragem de me ajudar a fazer um trabalho? — perguntou Chicuta.

— Conforme. Si fôr para pegar no cabo do guatambú, não nos fale. E si fôr para dar uma surra nalgum sujeito, conte comnosco. — respondeu Costinha.

— Gosto de ver gente falar franco. — resmungou o carreiro. O negocio, de que falo, interessa a vocês.

— Então diga. Desembuche. — falou Hermenegildo.

— A occasião não é opportuna. Na rua,

não se trata de cousa que arde a sério. Onde mora? — pèrguntou elle a Costinha.

— Ali, na outra rua de cima, num casebre, ao lado esquérdo, quem vae daqui para lá.

— Pois, si quizerem tratãr éste negocio, á bocca da noite, estarei lá para conversarmos.

— Está dito. — disse Hérmenegildo.

— Muito bem. Esperar-lhe-ei na porta. — resmungou Costinha.

Os três homens despediram-se e Chicuta, montando na Sóta, riu-se de prazer, vendo os seus planos em optimo andamento.

O PLANO TENEBROSO

Os sinos da igreja mal tocavam a Ave-Maria, quando Chicuta entrou na casa de Costinha.

Hermenegildo recebeu-o na porta, estendendo-lhe á mão. Costinha puxou umas cadeiras velhas e dispoz em redor duma mesa, onde se sentaram os dois homens, emquanto elle marchou para fechar a porta, indo depois sé abancar.

Chicuta, com olharés reimosos, disse:

— Eu estou em viso elaborar um plano com vocês. Desejo trabalho limpo e bem feito.

— Sem vontade não nos acha. — rosnou Costinha.

— Mas, com bonita recompensa. — atalhou Hermenegildo.

— Quanto a isto, não se incommodem. Façam o trabalho, que eu, Chicuta, saberei remunerar-lhes. Digam de lá. Vocês conhecem uma tal Anna Rosa, que está em casa da Fortunata?

— Ainda hoje a vi. — disse Costinha. E' u'a morena bonita, de cabellos prêtos e estatura regular?

— E' isto mesmo. Casei-mĕ com aquella infame e ella me abandonou, entregando-se ao mundo, procedendo mal. Fui lá, para ver se a demovia do intento miseravel, porém ella me dissera que queria antes ser picada viva, do qué voltar para a minha companhia. Eu, nessas condições, resolvi dar-lhe cabo, matando-a picada viva. Querem auxiliar-me nesta empreza?

— Homem, sendo o negocio um tanto sério, você dite lá as condições, qué estamos promptos a cuvir-lhe. — resmungou Costinha.

— Pois bem. Dou-lhe a minha burra

Sóta, arreiada, prompta e mais um conto de réis, compromettendo-se você ir leval-a num logar solitario. Quanto a você, Hermenegildo, dou-lhe quinhentos mil réis, para me ajudar no caso.

— Está feito.—concordou Hermenegildo.

— Mas, homem de Deus, como poderei leval-a num logar solitario? E ella cahirá no laço?

— Pois é; ahi é que está o caso a se resolver. — atalhou Hermenegildo.

— Escutem bem. Você, Costinha, monte num cavallo arreiado e vá lá. Bata na porta e diga a ella, sem falar no nome de Annã Rosa, que um tropeiro, que váe parã o Paraná, deseja falar-lhe, no sentido de ir «fazer vida com elle». Você catechise de todo o modo, que ella é inexperiente no caso e não deixará de cahir na armadilha. Metta-a na garupa do cavallo e galope até o local.

— A sua trampa está bôa, como nunca vi outra igual! — disse Costinha.

— Está mesmo. Ella ha de cahir em

nossas mãos, decerto. — falou Hermenegildo.

— Agora, vamos combinar o logar, para se fazer o caso. — adiantou Chicuta.

— Logar bom para isto é lá no Lava-Pés, porque não móra gente, é bem soturno. — aventou Costinha, com a sua technica de homem tigrino, já experiente em engembrar casos de verdadeira selvageria.

— De facto, o logar é adequado mesmo para cousas assim. — approvou o companheiro.

— Então, desde já, estamos contractados. A recompensa será depois. Tenham confiança, que terão proveito na empreza. Não devem descorçôar, tenham coragem, quero trabalho limpo e bem feito.

— Mas, diga-me uma cousa, Chicuta. — inquiriu Hermenegildo. De como você quer mesmo acabar com a vida de Anna Rosa?

— Conforme o desejo della, quando eu fôra lá, para ver se conseguia que voltasse para a minha companhia.

— E qual é esse desejo, homem de Deus? — perguntou de novo o assecla.

— Picada viva ! . . . — exclamou Chicuta, carrancudo, austero, franzindo os cenhos.

— Caboclo, você é bom como a gente ! — bradou Costinha. enthusiasmado, em tom de capoeiragem. Eu nunca vi homem resoluto como você ! A cousa que mais gosto, no mundo, é ver bicho corajoso, que não teme o maior perigo, sahindo a enfrentar, de olhos fechados, sem medo !

— Ah ! — rosnou Hermenegildo, gingante. Gente molle não anda comigo, mando sahir de bandinha ! Si você, Chicutá, fosse homem medroso, não acceitaria a empreza de que nos incumbiu. Vejo-lhe mesmo, que tem vontade de que o negocio vá avante. Isto é que eu acho bom !

— E eu só posso fazer isto. A miseravel abandonou-me, perdeu-se no mundo e só tenho em mente acabar-lhe com a vida. Não quero que outro vá viver com ella e nem fique entregue aos braços da prostituição. Assim como ella prefere ser picada viva do que voltar ao meu lado, eu quero antes a matar rindo, será meu prazer tornal-a

em pedaços, do que vivendo no poder de outro homem. Agora, vocês vejam se eu não tenho razão...?

— Demais. — observou Costinha. Eu faria o mesmo, seria esquartejada de meio a meio.

— De minha parte, fincar-lhe-ia a faca, dar-lhe-ia tantas furadas, como de beijos que a mãe della deu-lhe. — disse o outro.

Chicuta levantou-se satisfeito do exito do plano tenebroso. Estendeu a mão para os acolytos e adiantou:

—Estamo-nos entendidos. Até a occasião.

Os bandidos responderam:

— Conte comnosco.

A HORRENDA TRAGEDIA

Costinha sahiu da morada, montado num cavallo arreiado, emquanto Chicuta e Hermenegildo seguiam em busca das margens do ribeirão Lava-Pés.

Era na noite de 21 de Junho de 1885, noite de domingo, illuminada pelo reflexo da lua, que estava suspensa no espaço, como maravilhoso phanal.

Costinha bateu na porta da casa de Fortunata, exclamando:

— O' de casa!

— O' de fóra! — respondeu Anna Rosa.

— Moça, — falou elle — um tropeiro que se acha pousado no Lava-Pés e que se-

guirá de madrugada para o Paraná, mandou-me aqui, no sentido de convidar a senhora para lhe propôr um negocio.

— Que negocio? Não sabe?

— E' para a senhora ser seu companheiro. Amanhã, muito cedo, elle sahirá. Tem conducção á sua espera.

Anna Rosa reflectiu um pouco. No cerebro se lhe debateu que a occasião era opportuna de safar-se das garras do marido feroz.

— Um tropeiro, que vae para longe... E' necessario acompanhal-o, pois, de certo, Chicuta não poderá saber do meu paradeiro. — dizia ella, mentalmente.

— Trouxé conducção?

— Sim, senhora. Póde montar na garupa do meu cavallo.

Anna Rosa entrou para os fundos da casa, dizendo á Fortunata a respeito da proposta, recebendo desta approvação.

Em seguida, despedindo-se, montou no cavallo e Costinha sahiu em avançado galope, levando-a para os braços da morte e

rindo-se de prazer, pelos effeitos dos diabolicos planos.

O corsel corria lepido, atravessando as ruas illuminadas pelo clarão deslumbrante da lua. Os cascos, num rythmo adoravel, batiam fortemente no chão, fazendo estalo secco e cadenciado: palalá... palalá... palalá...

Anna Rosa, alguns minutos após, estranhou que a caminhada era longa e Costinha objectou:

— Socegue, moça. Com mais poucos passos, estaremos lá. O Lava-Pés é ali adiante.

Quando chegou em certo logar, a marcha do cavallo foi interceptada por dois homens e Costinha apeou-se, dizendo:

— Os nossos planos foram de bom effeito!

— Viva! — rugiu Chicuta, delirante e febril.

Anna Rosa reconheceu o marido, que a arrancou logo da garupa do corsel, bradando ferozmente:

— Agora vás expiar o mal que co-

meteste em abandonar-me, miseravel e infamê!

A morena tomou-se de pavor intenso, vendo o abysmo que se lhe apresentava ante os olhos. Via que seria fatalmente victima das garras do famigerado marido. Nos assomos do temor e do medo, ella gritou:

— Que querem fazer de mim?...

— Ainda perguntas? Não disseste que querias antes ser picada viva, do que voltar para a minha companhia?... Então, vae-se consumar o teu desejo, serás cortada como boi no açougue!... — rosnou elle, em attitude feroz e sinistra.

— Você é um miseravel! Você prova quánto é bandido! — respondeu a morena, resolutamente.

Chicuta puxou-a pelo braço e os dois acolytos pegaram-na violentamente, conduzindo-a para o matto. Chegando num trecho onde não havia vegetação, arrearam o fardo.

A pobre Anna Rosa debatia-se com horror, nas gárras dos sicarios, gritando, atemorisada, vendo o destino cruento a que

estava reservadã e o abysmo ém que ía despencar-se.

— Cala a bocca, pestiada ! — rugiu Hermenegildo.

— Vocês são uns covardes ! Tres patifes, tres bandidos para matarem u'a mulher !

— Ha de calar a matraca desta lingua, daqui ha pouco ! — falou Costinha.

Chicuta pegou-a pelos cabellos, com violência, dizendo, trincando os dentes, convulsivamente :

— A minha vingança será cruel !... Mulher maldita, has de pagar o que fizeste, com a morte, picada viva, cortada como porco !...

Anna Rosa deu-lhe forte repellão no rosto, exclamando :

— Bandidos ! covardes ! espiritos malignos ! desgraçados ! Matem-me, mas o remorso será a arma com que hão de expiar tão nefando crime !...

Os acolytos, com furor, árremessaram-se sobre a morena, arrancando-lhe as vestes, ficando Anna Rosa núa, completamente núa.

O réflexo da lua banhava-lhe magestosamente o lindo corpo e clareava todo o ambiente.

Chicuta, cascalhando gargalhada diabolica, sacou da faca e disse:

— Costinha e Hermenegildo, segurem bem esta infame, quero começar a cortar-lhe pela cara!

Os asseclas, com pulsos de ferro, ajoujaram a morena, que, de olhos apavorantes, aterrorisada, vendo o espectaculo terrifico, horrendo, hediondo, gritava com todas as forças:

— Soccorro! Soccorro!... Querem me mátar!...

Mas o éco confundia-se com o farfalhar mui subtil dos arvoredos, casando-se com o poema triste do silencio, que reinava em todo aquelle trecho.

Chicuta, inebriado de vingança, empiloirado de furor, tomado de instincto de féra e á sua alma miseravel, delirante aproximou a lamina da faca no rosto formoso da morena, que se debateu, para se livrar do

golpe, mas os dois sicarios pêgaram-na pelo pescoço, tornando-a immovel.

— Soccorro !... Soccorro !... Valei-me São Bom Jésus do Piraporá ! Acudi-me minha Nossa Senhora da Apparecida ! Soccorrei-me meu Deus ! meu Jesus Christo !... — bradou Anna Rosa, lancenantementé, dolorosamente, vendo a dôr de sua alma dilacerada.

O marido infame rosnou como cão hydrophobo :

— Nem Déus ! nem os mil diabos te livram !... Has de morrer como porco, sem dó e sem minha clemencia !...

Cascalhando risada capirotica, aproximou novamente a lamina da arma no rosto da infeliz e, num instincto feroz, deshumano, desgraçado, horrendo, cortou a face direitá da pobre Anna Rosa, que, num gemido de cortar coração, ecoando no matto, gritavã doidamente, nos estertores da agonia atroz :

— Ai, meu Deus !... Não me matem ! não me matem ! Oh dôr horrivel ! Tenham clemencia duma désgraçádá !...

E Chicuta, rindo-se de prazer, inebriado, satanico, mephistophelico, ostentava na mão esquerda, ensanguentada, rubra, sinistra, aquelle naco de carne informe, palpitante, expellindo torrentes de sangue.

Depois, arremessou-o violentamente ao chão e o fragmento do corpo humano se agitou, tremente.

O miserável aproximou novamente a faca afiada no rosto da infeliz, que se debateu, estrebuxando, gemendo doloridamente, nos ãssomos de verdadeira angustia, era uma angustia suprema, era um martyric tigrino, violento, horripilante, compungente!

— Ageita-te, pestiada! — resmungou o bandido. Quero cortar-te a bochecha do lado esquerdo!...

Anna Rosa ensanguentava-se rapidamente. A ferida da face direita vertia sangue em abundancia, tisnando-lhe o formoso corpo.

Ella gritava, gemia, pedia soccorro e só ouvia imprecações e torturas.

Os olhos, apavorados, pareciam querer

saltar das orbitas. Era scena lugubre, tristonha, desoladora!

Chicuta metteu a faca na face esquerda e torou-a! Urro penoso e pungente deixou Anna Rosa escapar dos labios rubros.

— Piedade!... Acudi-me São Bom Jesus do Pirapora! minha Nossa Senhora da Apparecida!... Ai, Jesus!...

— Qual! E' inutil! — rugiu Costinha, funestamente. Aguente calada e morra como um porco, retalhada!

— Pará que foi dar para ruim?! Agora, metta-se em faca!... — bradou Hermenegildo.

Chicuta arremessou o outro naco de carne ao chão, vivo, palpitante, deixando escapar dos labios gargalhada de prazer, como se estivesse em festim bacchante, de orgias e regalos.

— Eu te disse que a minha vingança seria cruel! — exclámou elle.

A pobre Anna Rosa soffria horrivelte o pungente drama, vendo as suas fórmas cortadas aos poucos.

Chicuta decepou-lhe as orelhas, o nariz e os labios, tornando-se a bocca exquisita, feia, exotica, parecendo verdadeiro espectro e a desditosa só dizia palavras inintelligiveis, de soffrimento atroz, titanico, calamitoso.

Aproximou a faca nos seios rubros e cortou o do lado esquerdo, rangindo até a arma! O assecla comprimiu a massa horrenda e informe entre os dedos, cahindo sangue em abnndancia, era como um acto de satisfação que fazia!

Anna Rosa só soltava gritos desconformes, gutturaes. Chicuta cortou a poma direita, rangindo novamente a faca e aquelle pedaço macabro de carne, batendo no chão, começou a agitar-se, palpitante, rebolindo, como querendo, em acto incontido, reaggregar-se, voltar ao logar primitivo!

Os bandidos rosnavam de prazer, febricitantes, cheios de delirio, ostentando, nas physionomias espectraes e tetricas, o riso da infamia e da iniquidade.

Era um drama de horror, de angustia, de afflicção, de barbaria!

Os membros centraes foram horrivelmente cortados e do quadril aos joelhos Chicuta retalhava numa ancia de prazer hediondo e macabro!

Os dedos foram decepados um por um, que, batendo no chão, saltitavam, trementes, vivos!

Anna Rosa estava a exhalar o derradeiro suspiro. Gemia nos ẽstertores da angustia e o corpo tornou-se rubro, completamente ensanguentado. Não possuia mais animo para se debater nas mãos dos sicarios, dos terriveis algozes.

Costinha e Hermenegildo, com as roupas e mãos tintas de sangue, arremessaram ao chão o corpo da infeliz.

Chicuta, ostentando ainda a arma assassina, golpeou o pescoço da desditosa, cortando a garganta, em cuja abertura entrou, com forte impulso, um collar de aljofar, que ella usava. Não satisfeitos, com o nefando crime, os bandidos deram-lhe profundas facadas em todo o corpo, ficando uma arma intromettida até o cabo, em pleno coração!

Anna Rosa morreu como u'a martyr!

Por uma coincidencia, bem perto do logar ondé se consumava a tragedia, uma negra presenciava todo o caso, quieta, muda, sem fazer o menor gesto, temendo ser victima tambem das garras dos fascinoras.

A preta fugira para ali, devido ás perseguições que o seu senhor lhe fizera algumas horas antes, querendo surral-a atrozmente, dar-lhe o castigo que então infligiam aos pobres captivos, por qualquer mal feito em que estes cahissem.

Esta foi a testemunha visual de tão funesto drama.

Costinha, Hermenegildo e Chicutá, já satisfeitos dos intuitos criminosos, vendo os planos completamente consummados, arrastaram o corpo informe da desditosa mulher, encostando-o dê braços abertos num espinheiro.

Depois, limparam as mãos e, socegadamente, começaram a fumár, sacodindo, ao terminar, as pontas dos cigarros em derredor do corpo e partiram.

A lua estava em pleno céo, espargindo o reflexo em todo o recanto, alumiando aquelle quadro desolador e tristonho, onde uma ente infeliz soffreu os horrores de morte cruel.

Anna Rosa foi u'a martyr!

O ACHADO MACABRO

Já era de tarde, no dia seguinte, quando a noticia da morte barbara de Anna Rosa chegou aos ouvidos da população, que logo se movimentou, commentando o terrivel facto e mostrando-se indignada contra o acto cruel.

Aqui, um grupo commentava, deixando escapar dos labios o brado de revolta.

Ali, outro confabulava, narrando uns o modo como se revestira a hedionda e horripilante tragedia.

A policia havia já tomado as providencias, no sentido de rêmover o cadaver da desditosa para a cadêia publica local e captura dos delinquentes.

Poucos minutos após, rodava pelas ruas uma carroça, guiada por Pedro Franco, conhecido mais pelo nome de Pedro Carroceiro e guardada por dois soldados, dirigindo-se ao local do crime.

Chegando no Lava-Pés, no trecho mais ou menos onde se havia dado a horrenda tragedia, os milicianos, com o carroceiro, procederam a investigação, afim de ser encontrado o cadaver de Anna Rosa.

Entraram no matto, examinando, remexendo daqui, ora dali e nada de encontrarem. Para melhor pesquiza, os soldados se bifurcáram e o carrocéiro tomou, tambem, outro rumo.

Dando no logar para onde os criminosos conduziram-na, notou rastos de pés humanos e quebra de matto. Seguindo a pista, Pedro Carroceiro viu mais adiante o espectaculo desolador: fragmentos de carne espalhados pelo chão e sangue em abundancia, coagulado, cobria todo aquelle trecho macabro, lugubre.

Pedro Carroceiro bradou, dando signal

aos policiaes, que logo correram para o local, ficando abysmados ante aquellas massas informes.

— E o corpo onde está? — indagou um soldado.

— De certo, mais adiante. — respondeu o carroceiro.

Examinando o sitio, notaram indicio como de corpo arrastado ao chão, seguindo a pista e, adiante, defrontaram terrivel quadro: Anna Rosa, encostada no espinheiro, os cabellos em desalinho e de braços abertos, como que pedindo clemencia e compaixão.

Os homens petrificaram-se, parecendo esphynges olhando para região ignota.

— Até parece uma santa! — exclamou Pedro Carroceiro, sobrepujado pelo commovente quadro.

— E' mesmo. Vê-se que o corpo não soffreu abalo algum, só apresentando as feridas profundas. — disse um soldados, commovido.

Pegaram no corpo de Anna Rosa, mas,

ao ser erguido, sahiam violentamente jactos dé sangue, correndo ao chão, em borbotões, turbilhonando.

Os homens detivéram-se por um instante e Pedro Carrocéiro envolveu o corpo da désditosa em grande panno que conduzia, afim de impedir a irrupção sanguinea.

Os fragmentos, espalhados ao chão, pozeram em um sacco. O corpo, ao ser depositado sobre a carroça, com um mal geito, expelliu quantidade enorme de sangue, que encheu completamente a mesa do vehiculo e esborrando ao chão.

Em seguida, ganhou o caminho, rumo á povoação. Na estrada, grande multidão aguardava a chegada do cortéjo funebre. Na passagem, acotovelava-se o povaréo, para poder enxergar o corpo da infeliz Anna Rosa, que movia dó e compaixão aos presentes.

A multidão fremia indignada contra o crime barbaro e éxecrando.

— Isto é um horror!...— bradou um.

— Isto não sé faz nem com uma féra! — rosnou outro.

— Quem fez isto, mereçe ser morto! — gritou um velho, magro e alto.

— Um miseravel, que pratica semelhante acto, não sei que castigo merece! — falou mais outro.

E, assim, eram as expressões do puticí de gente, mostrando-se indignada com o facto selvagem e hediondo.

A multidão augmentava assustádoramente, acompanhando o cortejo funebre, que deu entrada na cadeia publica, sitá á rua Riachuelo.

O povo, acotovellado, ameaçava romper a linha de sentinella posta á porta de frente, tal a curiosidade para ver a mulher martyr.

Momentos após, davam sahida ao feretro e a massa compacta de gente acompanhava contricta..

Por um caso inexplicavel, na occasião em que o cortejo passava, o corpo de Anna Rosa exhalava um odor forte e agradavel, o que fez a multidão mostrar-se surpreza e perplexa, diante do facto tão estranho.

As portas das residencias apinhavam-sê

de gente e o aroma, como de flores frescas, espãrgia-se por todo o recanto.

— Esta mulher tem alguma cousa de mysterio! — disse um, abysmado ante o caso.

— Eu estou dêsta idade, e nunca ouvi falar num facto como este! — fálou um velho.

— Esta mulher só sendo uma santa! — murmurou outro, dominado pela superstição.

Ainda ao baixar á sepultura, o corpo da lindá morena dos cabellos pretos exhalava emanancia embriagante.

E, cercada pelos goivos odoriferos e á sombra dos cyprestes esguios, descançou para sèmpre aquella que morreu como verdadeira martyr!

A DILIGENCIA

A policia redobrava as pesquizas, para a captura dos delinquentes e, por todas as partes, espalhou emissarios para esse fim.

Hermenegildo Vieira do Prado, mostrando-se indifferente ao crime de que era cumplice, apresentou-se á prisão, foi receber da justiça a pena pela execranda tragedia, que ajudara commetter.

Faltavam Costinha e Chicuta. Diligencias sahiam, porém não se sabia do paradeiro dos bandidos.

A's vezes, um dava noticia muito vaga, dizendo tel-os encontrado em tal ou qual logar, e a força volante batia-lhes no encalço,

não os encontrando, tudo infructiferamente.

Como diz o vulgo: «Mattos têm olhos e paredes têm ouvidos», a Costinha chegou a vez de expiar o crime horrendo, de que fôra victima a pobre Anna Rosa.

E' assim, que, num dia, bateu á porta de Amador Pinheiro Machado, delegado de policia, um caboclo entroncado, dizendo:

— Seu coronel. O homem, que ajudou a matar á Anna Rosa, acha-se escondido no Bairro do Rio Pardo.

— Qual delles?

— E' um velho baixo, chamado Costinha.

O delegado, mais que depressa, aprom ptou uma diligencia, composta de oito soldados, completamente armados, sob o mando do official de justiça, José Calixto de Almeida.

Nesse momento, appareceu na porta Antonio Joaquim de Oliveira Cesar, ajudante do escrivão do crime, e que era dado a diligências perigosas e arriscadas.

— Para onde vão vocês, homens? — falou elle.

— Ao Bairro do Rio Pardo. — respondeu José Calixto.

— Ver o que?

— Trazer Costinha, vivo ou morto.

— Então quero tomar parte nesta diligencia.

Minutos após, tudo prompto, os homens partiram, sob os olhares da população, que os contemplava curiosa.

O Bairro do Rio Pardo fica distante de Botucatú tres leguas, no caminho que vae para a Villa do Rio Novo, hoje Avaré.

A tropa marchavã em passo avançado, devorando a estrada, anciosa para chegar no sitio.

Um soldado disse:

— Será possivel que esse maldito Costinha se ache lá?

— Possivel é. — respondeu Antonio Cesar. No Bairro do Rio Pardo, elle possue um sitio e é onde elle está aboletado.

— E' muito perigoso êsse homem? — inquiriu um soldado.

— Demais. — falou José Calixto. Mal-

vado como não ha outro igual. Si não abrirmos os olhos, elle reagirá á prisão.

— Ah! isto é que eu duvido. — atalhou outro soldado. Elle que não caia nessa asneira, pois, se o fizer, trespassar-lhe-ei o coração com uma bala.

— Só se fôr louco, em reagir. — disse Antonio Cesar. Poderá fazer tal, se tiver bandido, como elle, homisiado em casa.

— Que nada, seu Antonio. — resmungou um outro soldado. Eu conheço homem ruim, que enfrenta a nós todos. Escute lá. Uma vez, eu fui prender um negro, criminoso de muitas mortes, aqui mesmo nesta Provincia de São Paulo. Acompanhavam-me dez soldados, bem equipados, posso dizer em pé de guerra. Pois bem, quando eu cheguei na porta da casa do maldito preto, cerquei-a logo e bradei:

— Moleque, filho do diabo, saê de dentro, porque é a policia!

— Para que eu disse isso...? O bandido deu um pulo e sumiu-se da minha vista, socou-se nos fundos da casa. Pegou no cla-

vinote e haja bala como chuva. A minha gente respondeu decisiva, galharda, valente. A fumaça da polvora cobriu tudo, era estampido daqui, dacolá. Instante após, notámos que o negro não mais atirava e eu mandei cessar fogo, dizendo:

— Minha gênte! Fique á postos, porque quero trazer este filho do diabo á unhas!

— Rapido eu émboquei na casa, com o gatilho da arma no dedo, prevenido contra o peste. Mas não foi tal o meu espanto, quando, ao correr a casa, não notei siquer rasto do damnado, fôra-se embora.

— E por onde, homem de Deus? — perguntou Antonio Cesar.

— E como? — inquiriu um soldado, ao mesmo tempo.

— O diabo tinha mandinga. Quando a fumáça da polvora cobriu todo o trecho, elle sahiu sorrateiramênte, sem ninguém dar fé. E diziam até que o peste possuia orações fortes.

Alguns soldados olharam o campanha,

indifferentemente, emquanto Antonio Cesar fazia riso ironico.

Já estavam perto do Bairro do Rio Pardo. A tropa apromptou-se para qualquer eventualidade, e, minutos após, deram em casa de Costinha, a qual se achava fechada.

O grupo chegou na frente e estacionou. José Calixto bateu tres vezes fortemente na porta.

— Quem está ahi? — rosnou Costinha, de dentro.

— Abra a porta, porque quero dar uma buscâ na casa, em nome da lei. — respondeu o official de justiça, reconhecendo a voz do bandido.

O criminoso sobresaltou-se. Abriu a porta detraz, devagarinho e, pela brecha, divisou o terreiro, não vendo ninguem. Escancellou a porta e chispou, mas, nesse interim, a diligencia ia cercando a casa, para prevenir qualquer reacção.

— Lá vae o miseravel ali, homens! Acudam! — gritou um soldado.

Rapidos como a èma a correr perse-

guida pelo caçador, os milicianos sahiram no seu encalço.

Quando o bandido ia passando por um riacho, entrupicou e cahiu, e o troço de soldados arremessou-se sobre elle, ajoujando-o.

— Conheça, pestiado, que afinal cahiu em nossas garras. — bradou arrogante um soldado.

Deram-lhe fortes godemos e ergueram-no dagua, e Costinha, com os trompassos, gritou:

— Não me matem! Estou entregue!

— Ninguem quer te matar, pátife! Desejamos sómente te ver nas grades da cadeia! — bradou Antonio Cesar.

— Amarrem esse ladrão e ponham-no num cavallo. — falou José Calixto.

Trouxeram um cardão-escuro e Costinha disse:

— Deixem-me ir no meu tordilho...

— Não; você não tem querer. Vae neste mesmo. — objectou José Calixto.

Os soldados pegaram-no por pés e braços e o botaram no animal.

— Grande patifé ! —resmungou Antonio Cesar. Grandississimo vélhaco ! Queres ir no tordilho para safar-te, hein ? Teu cavallo ligeiro, em nada serve, aqui ! Has de expiar o crime que cometteste !

Costinha nada respondeu. Tangeram o cavallo é o troço de policiaes tomou a estrada, acompanhando-o, rumo Botucatú, onde a lei e a justiça aguardavam a alma damnada da tragediá de que fôra victima a infeliz Anna Rosa.

A MORTE DE CHICUTA

Depois da horrivel tragedia, Chicuta evadiu-se, afim de não cahir nas malhas da policia.

Foi morar em um casebre, situado á margem da estrada, que dá para a Villa do Rio Novo. Continuou a exercer o mister de carreiro, atravessando muitas fazendas com o seu vehiculo.

A's vezes, dominava-se pelo remorso tenebroso, vendo, em visão, álta noite, o vulto de Anna Rosa a aproximar-se-lhe e Chicuta tremia de pavor, os cabellos eriçavam e os olhos ficavam como tochas alumiando na escuridão.

O carreiro deixava-se dominar por vigilia tremenda, durante essas noites pavorosas e, á proporção para onde dirigia os seus olhares, via vultos estranhos cortarem a solidão, espectros hediondos, ameaçadores, faziam gatimonhos, e, outras vezes, ouvia barulho infernal por todo o canto da sala, saracoteios de pés e um como quebrar de louças ao chão.

Nesse constante sobrosso, augmentavam-se, pelo corredor da morada, passos lentos, cadenciados e, em occasiões, fortes.

Si, no delirio e no tormento, procurava o matto, afim de apagar a imaginação terrivel, surgia-lhe na frente o vulto de Anna Rosa, embargando-lhe os passos.

Chicuta tornou-se ermo e acabrunhado. Não possuia um só momento de descanso á noite, pois as ameaças de figuras phantasmagoricas, gestos de almadas, repercutiám-se-lhe constantemente, em attitudes feias, exquisitas, exoticas.

Numa feita, vinha elle, alta noite, em busca da morada. Na occasião em que se

aproximava da casa, viu, á margem do caminho, um duende de estatura colossal, de vestes longas e brancas como chemita.

Depois, o estranho personagem começou a movimentar-se, dando passadas gigantescas, apressadas, numa rapidez incrivel, em sua direcção.

Os olhos de Chicuta ficaram arregalados, vivos, apavorados e os cabellos encresparam, a sua funcção psychica foi dominada por impulsos de terror. Correu como doido, em busca do casebre e a figura sinistra, avantesma, pavorosa, acompanhou-o.

O carreiro, com supapo furioso, escancellou a porta e entrou aterrorisado, batendo-a depois violentamente e o exotico personagem ali estancou.

Chicuta, a todo o instante, relembrava-se da hedionda tragedia de que fôra protagonista e, então, os seus olhos marejavam-se de lagrimas, chorando convulsivamente, era o anjo do arrependimento que lhe illuminava a alma.

Houve tempo em qué elle, já arrepen-

dido, sorumbático, tristonho, não via qualquer visão á noite.

Pernoitava bem e, ao amanhecer, levantava-se para a labuta do carro de boi. Foi, assim, que, num diá, Chicuta dirigia-se para uma fazenda, conduzindo grande carregamento de cereaes no vehiculo.

Os cocões apertavam o èixo do carro, que cantava estridente, espalhando o éco forte.

As duas juntas de boi baixavam os flancos para arrastar a pesada carga e o carreiro gritava com os animaes, emquanto o ferrão fincava-se no lombilho.

Ao passar em parte de caminho arenoso, o carro metteu o rodilho na areia, emperrando, detendo a marcha dos bois.

Chicuta fincou o aguilhão no lombo dos animaes, gritando para avançarem, mas do canto o carro não sahia, apesar dos esforços dos bois, dando sacalões e fortes investidas.

O carreiro estranhou o caso logo, pois diversas vèzes havia passado por ali, com o mesmo carro e com maior carregamento e nunca emperrara.

Pousou o hombro direito no rodilho, gritou aos bois, fez finca-pé, forcejou e nada, nem abalava, tudo no mesmo logar.

Chicuta examinou todo o ambiente e nada notou que obstasse a caminhada.

— Que negocio é este? Será possivel, pois eu todo o dia passo por aqui, carrégado, e este carro nunca emperrou!? — disse elle, confusamente.

O carreiro coçou a cabeça. Desapertou os cordões, engraxou o eixo, gritou, tangeu o ferrão nos bois, que, em supapos vigorosos, faziam investidas, ameaçando arrebentar o cabeçalho e o cambão, mas nada de cáusar o menor effeito, tudo no mesmo canto, nem abalava.

Chicuta, já desperançado de qualquer tentativa, procurou novo rumo. Baixou-se entre as partes trazeiras dum boi e o rodilho e começou a examinar, pondo a cabeça quasi em baixo da roda, e volvia a aréia com a mão.

Mas, em dado momento, por uma fatalidade, os bois, como assustados, deram for-

tissimo sacalão e dispararam com o vehiculo, cuja roda direita passou por cima da cabeça de Chicuta, esmagando-a horrivelmente.

O carreiro deu um urro de morte, revirando-se com o craneo esphacellado, o chão logo se tisnou de sangue, a massa encephalica cahiu em abundancia e o corpo inerte, sem vida, estendeu-se pela estrada.

Era na entrada da fazenda do capitão José Leal de Carvalho, bem perto da Villa do Rio Novo.

Assim, foi morto Francisco de Carvalho Bastos, vulgo Chicuta, estendendo-se a Justiça sobre elle!

EFFEITOS «FOLK-LORICOS»

Em torno da tragedia de Anna Rosa, giram lendas chistosas, que lhe dão aspecto adoravel e cheio de summa graça.

Em casos destes jaezes, é costume as pessôas relembrarem factos interessantes, salientando-os em palestras animadas e, ás vezes, saem os ditos e remoques.

Como sempre acontece, em qualquer logar em que se dá uma tragedia, erguem uma cruz de éstylo tosco, afim de lembrar que ali tombou um ente, victima das mãos de algum perverso.

No local onde Anna Rosa fôra esquartejada, pozeram uma pequena cruz e o ca-

minho foi rasgado até naquelle trecho, para se tornar transitado.

As pessôas, que ali passavam, faziam-se inclinar reverentemente, dando o protesto de séu respeito e, como de costume, punham pedras ao pé da cruz, que o tornou em montões, e, nos braços, depositavam corôas de flores sylvestres, engalanando-a, dando-lhe o tom de singeleza e simplicidade.

Com o tempo, augmentaram a cruz, confeccionaram uma a capricho. Foi, nesses momentos, que pessôas doentes que ali passavam, faziam promessas á cruz de Anna Rosa, no sentido de ficarem sãs e curadas.

Houve logo os primeiros milagres e romarias choveram consecutivamente, dando homenagem á cruz maravilhosa.

A éstes milagres, alliavam-se os commentarios do povo, dizendo que Anna Rosa, na occasião de ser sepultada, seu corpo exhalava odor forte e delicioso e o aspecto das suas fórmas pareciam-se como o de uma verdadeira santa.

Todas estas crèndices geraram rapidã-

mente effeito religioso no espirito da população. Promessas e mais promessas faziam-se, foram sarados coxos e paralyticos, que, em louvor da cura, ao pé da cruz depositavam as muletas com que andavam.

Utensilios de toda a especie amontoavam-se no logar, retratos, figuras de cêra e de pau, todos estes arreliques davam prova do maravilhoso valor da cruz da linda morena dos cabellos negros.

A auto-sugestão fez gerar logo innumeros crentes e o effeito religioso chegou ao auge. A fé, que uma pessôa em si deposita, muitas vezes, faz causas surprehendentes, influindo com que se alcance certo desideratum, dahi os casos de curas que o povo julga ser por intercessão de entidade a quem se dedica culto e veneração.

No norte do Brasil, acontece mais essa crendice, pois rara é a cruz erguida na estrada, que não possua a fama de milagrosa.

Os matutos, soccorridos pela intercessão do madeiro, em signal de graças, promovem festas pomposas, cantam ladainhas, fazendo

melopéas adoraveis, e as romarias multiplicam-se, chove gente de todos os cantos proximos e a fama corre aos quatro ventos.

Muitas vezes, erguem uma capella no local e todos os annos fazem novenas, accorrendo a matutada para tomar parte nellas, dominados por fé viva e ardente, contrictos, religiosamente.

Interessante é que, erguida a igrejinha, náquelle mesmo local, começam a construir casas, povoando-se aos poucos, convergindo para ali alguns que moram em sitios pertos e não tarda que aquelle recanto se torne em florescente logarejo, progredindo paulatinamente, e, então, fica prevalecida a phrase do matuto, na sua philosophia simploria: «Uma cruz, muitas vezes, é a fundadora duma cidade».

A cruz de Anna Rosa, como dissemos, ganhou fama pelos seus milagres surprehendentes e não tardou que ali se construisse uma singella capellinha, onde os crentes, em dias de festa, vão fazer preces ou pagar promessas por qualquer intercessão que ella

lhes fizĕra. Com o tempo, a càpella necessitava ser mais ampla e é assim que algumas pessôas, residentes nas circunvisinhanças, aventaram a idéa de melhoral-a, transformando-a, dando-lhe outro aspecto.

A energia e a bôa vontade dos propugnadores teve pleno exito, não ficou na berlinda e a cruz de Anna Rosa possue actualmente o seu humilde templo, onde o povo accorre em dias de festa.

Pcssue aspecto pittoresco e atrahente, dotado de alvura bem conservada. A' frente, pozeram um gradil. No interior, pregadas ás paredes, vêm-se photographias de innumeros agraciados e, a um canto, acham-se muletas, figuras de cêra e de pau, tudo dando provas dos milagres.

Das paredes, alvas como jaspe, pendem bellos enfeites confeccionados com gosto e capricho.

O altar, mui singelo, ostenta acurada ornamentação, vendo-se diversas imagens, destacando-se, mais ao alto, a cruz maravilhosa.

Na parede, onde está ërguido o altar, nota-se, bem junto ao lenho, a seguinte inscripção, em fórmas toscas: «Santa Cruz de Anna Rosa».

Não muito além, gargalha garboso e monotono o ribeirão Lava-Pés, que sae colleiando como serpente, por diversos sitios, fertilisando muitas terras.

Dizem que Costinha e Hermenegildo, scientes da força milagrosa do madeiro, arrependeram-se na prisão e fizeram promessas ao mesmo, no sentido de se soltarem.

Accrescentam mais que Chicuta sempre vinha furtivamente se ajoelhar naquelle local, testemunhando assim o seu arrependimento, pedindo perdão pela falta que commettera.

Foi, numa dessas occasiões, affirmam, que elle depositou, nos braços da cruz, uma corrente de flandre, por elle mesmo confeccionada, como promessa de ella livral-o de cahir nas malhas da policia. E esse objecto, por longos annos, lá esteve, enferrujado, dependurado no madeiro, consumindo-se na voragem dos tempos.

Hoje, Anna Rosa é tida como santa. Não ha quem não conheça, em Botucatú e circunvisinhanças, a sua historia e que não lhe dedique respeito e veneração.

Seu nome jamais passará despercebido no coração do povo, a linda morena dos cabellos de ebano não será esquecida, rendem-lhe homenagem justa!

FIM

VOCABULARIO

Abancar—sentar em banco ou em cadeira.
Achanado—rasteiro, rente com o chão.
Aflo—suspiro, respiração.
Almada—phantasma, duende.
Arrelique—reliquia.
Arretántico—de arretar, voluvel.
Aspamento—de áspar, zanga, encrespamento.
Aví—companheiro.
Azucrinado—aperreado.
Birinata—aguardente, pinga.
Capirotico—de Capiroto, endemoniado.
Campanha—companheiro, camarada.
Despencar—cahir.
Empiloirado—louco, aluado.
Engembrar—confeccionar, arranjar.
Entroncado—vigoroso.
Entrupicar—tropeçar, topar.
Escancellar—escancarar.
Escarçado—bravo, feroz.

Usado em Pernambuco

Esguérar—zangar.
Gatimonho—caretas, gestos endiabrados.
Godemo—murro nas costas.
Impc—ronco sahido dos pulmões, quando se faz qualquer esforço brusco.
Matracar—tagarellar, falar demais.
«Nó de cégo»—laço feito com as pontas da corda, em dois volteados.
Puticí—muito, excessivamente.
Quedado—propenso.
Quéra—aborrecimento.
Ranzinza—zangado, furioso.
Reimoso—mau, ruim de genio.
Repellão—sôco.
Roer-a-coirana—dar muita importancia.
Sacalão—impulso, investida.
Sapiranga—gazeo, sarará.
Sobrosso ou sobroço—medo, temor.
Tiririca—enraivecido, espinhoso.
Torar—cortar.
Trompasso—braceada.